

# A Arca de Noé: verdade ou ficção?



Paulo Neto

# **A Arca de Noé: verdade ou ficção?**

(Versão 4)

“Em nossos dias, não é mais importante que uma teoria científica seja entendida pelo senso comum; essa exigência foi descartada por Galileu Galilei.” (STANILASV GROF)

**Paulo Neto**

*Copyright 2022 by*  
Paulo da Silva Neto Sobrinho (Paulo Neto)  
Belo Horizonte, MG.

Capa:  
<https://arqueologiaeprehistoria.files.wordpress.com/2015/12/imagem1.jpg?w=723>

Revisão:

Augusto César da Silva Santos  
Hugo Alvarenga Novaes  
Paulo Cesar Pfaltzgraff Ferreira

Diagramação:

Paulo Neto  
site: [www.paulosnetos.net](http://www.paulosnetos.net)  
e-mail: [paulosnetos@gmail.com](mailto:paulosnetos@gmail.com)

Belo Horizonte, julho de 2022

# Índice

Prefácio.....	4
Introdução.....	6
Análise dos textos bíblicos.....	7
Antigas lendas sobre dilúvios.....	42
Na Codificação Espírita.....	55
Conclusão.....	63
Referências bibliográficas.....	66
Dados biográficos do autor.....	70

## **Prefácio**

Nesta obra, o autor Paulo Neto discorrerá sobre a veracidade da narrativa bíblica do dilúvio, procurando dar sua contribuição na busca por respostas para a seguinte indagação: afinal, o dilúvio é uma realidade ou um mito? Em que pese seja sustentado como um fato histórico por boa parte dos cristãos dogmáticos, o autor deste instigante ebook demonstra, por meio de argumentos irrefutáveis, que o relato do dilúvio, conforme consta da Bíblia, não passa de uma fantasia, um mito copiado e adaptado dos babilônicos.

Com isso, o autor irá nos brindar com sua pesquisa em diversas fontes bibliográficas, muitas delas provenientes de autores cristãos, asseverando que se trata realmente de um mito de origem pagã, não obstante reconheça como bastante plausível a possibilidade da ocorrência de um evento localizado, tomado pelos homens da época como um cataclismo universal.

Ademais, o texto transcreve trechos de inúmeras obras, a fim de comprovar que muitas culturas, algumas delas mais antigas que as dos hebreus, já contavam histórias sobre o dilúvio, fato que demonstra não ser tal lenda original da bíblia, mas tão somente fruto de um processo de aculturação, além de trazer a posição de Allan Kardec, presente nas obras da codificação espírita, que admite a possibilidade do dilúvio como um acontecimento local e não universal, como creem os profíctentes de outras correntes religiosas.

Saudamos a obra do amigo Paulo Neto, agradecendo-lhe pelo convite para elaborar seu prefácio e parabenizamos-lhe pelo seu compromisso com a causa espírita e, sobretudo, com a causa da verdade, tocando em temas que, certamente, não deixarão de suscitar a fúria dos que ainda se encontram aprisionados pela fé cega e pelo dogmatismo reinante na esmagadora maioria das religiões tradicionais.

Augusto César Silva Santos  
Salvador, em 15/07/2022.

## Introdução

Tomaremos como base para a nossa análise crítica o critério acadêmico, a intenção é fugir de qualquer viés próprio dos que se deixaram aprisionar pelo fanatismo religioso.

Analisaremos vários textos bíblicos buscando a resposta para a inevitável dúvida: ficção ou realidade? Em qual das duas pode-se enquadrar a narrativa desse assunto?

Sabemos que não agradaremos os que fecham os olhos para a realidade, preferindo mantê-los vedados com o dogmatismo que impera nas religiões cristãs tradicionais.

Jesus bem o dizia: “*Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará.*” (João 8,32), frase da qual faremos o nosso norte.

## **Análise dos textos bíblicos**

É comum ouvirmos a justificativa de que esse relato do dilúvio trata-se de um simbolismo. Porém, nenhum texto do Antigo Testamento (A.T.) é simbólico, tudo quanto foi narrado se relaciona a cultura do povo hebreu. Sua crença está ali exposta a todos que o lerem de “mente aberta”.

O historiador hebreu Flávio Josefo (37-103 d.C.) conta acontecimentos relacionados ao passado de seu povo que também se narra em parte significativa do Antigo Testamento. Vejamos, em ***História dos Hebreus***, este trecho em que reporta à Gênesis 5:

10. *Gênesis 5*. Sete gerações continuaram a viver no exercício da virtude e no culto do verdadeiro Deus, ao qual reconheciam por único Senhor do universo. Mas as que vieram em seguida não imitaram os costumes dos pais. Não prestavam mais a Deus a honra que lhe era devida nem exerciam mais a justiça para com os homens, mas se entregavam com mais ardor ainda a toda sorte de crimes, enquanto os seus antepassados

se haviam dedicado à prática de toda espécie de virtudes. Assim, atraíram sobre si a cólera de Deus, e os grandes (¹) da terra, que se haviam casado com as filhas dos descendentes de Caim, produziram uma raça indolente que, pela confiança que depositavam na própria força, se vangloriava de calcar aos pés a justiça e imitava os gigantes de que falam os gregos.

11. Noé, entristecido pela dor de vê-los imersos nos crimes, exortava-os a mudar de vida. Mas quando viu que em vez de seguir os seus conselhos eles se tornavam cada vez piores, o temor sentiu que o fizessem morrer com toda a sua família, levou-o a deixar a sua pátria. **Deus, que o amava por causa de sua probidade, ficou tão irritado pela malícia e corrupção do resto dos homens que resolveu não somente castigá-los, mas exterminá-los completamente e repovoar a terra com homens que vivessem na pureza e na inocência.** Assim, abreviou-lhes o tempo da vida que Ele reduziu a cento e vinte anos, inundou a terra de modo que ele teria sido tomada por um mar e fê-los todos perecer nas águas, com exceção de Noé. **Ordenou-lhe, para salvar-se, que construísse uma arca de quatro andares, com trezentos côvados de comprimento e cinquenta de largura, por trinta de altura;** que lá se encerrasse com a esposa, os três filhos e as três esposas deles e levasse todo o necessário para o alimento e para os animais também, de todas as espécies, que ele deveria levar consigo, para conservar-lhes a raça; isto é, um casal de cada espécie, macho e fêmea, e sete casais de algumas. O teto e os lados da arca eram tão fortes,

que ela resistiu à violência das águas e dos ventos e salvou Noé com sua família da inundação geral, que fez morrer todos os outros homens. [...]. (2) (Nas transcrições e no texto normal todos os grifos em negrito são nossos. Quando ocorrer de não ser, avisaremos.)

Em nossa opinião, est a a  comprovado se tratar de história de um povo, e a  entram as crenças, superstições e tudo mais.

Para fazermos nossa análise, tomaremos alguns versículos dos capítulos 6 a 9 da Gênesis.

*Gênesis 6,6: "O Senhor arrependeu-se de ter criado o homem na terra, e teve o corao ferido de ótima dor."*

Que Deus   este que chega ao absurdo de Se arrepender de ter criado o homem? Onde estava a sua onisciência? Talvez seja um deus de carne e osso, ou seja, como um ser humano, pois até mesmo um corao Ele o tinha.

*Gênesis 6,7: "E disse: 'Exterminarei da superfície da terra o homem que criei, e com ele os animais, os r pteis as aves dos céus, porque me arrepenho de os haver criado'."*

Se Deus, após ver a maldade dos homens, conforme se vê em *“O Senhor viu que a maldade dos homens era grande na terra, e que todos os pensamentos do seu coração estavam continuamente voltados para o mal.”* (Gênesis 6,5), arrepende-Se e, por isso, resolve eliminar os homens da face da terra, até que poderia ter lá suas razões; mas, quanto aos animais, aos répteis e às aves dos céus não tinha nenhum motivo para também os exterminar, a não ser por pura “maldade”; porém, se esse foi o móvel de Sua atitude, então, temos uma evidente contradição, porquanto a Sua resolução em condenar os homens foi justamente por eles estarem agindo assim.

E os animais que vivem nas águas, certamente, não morreram no dilúvio; aí perguntamos: Qual a razão deles terem sido privilegiados? Eram inocentes ou não?

Parece-nos que foi nesse momento (Gênesis 6,7) que Deus tomou a decisão inundar a terra de água; entretanto, essa história, contada pelo autor bíblico, certamente um hebreu, não é nada original. Vejamos o que dizem os tradutores da ***Bíblia de***

## **Jerusalém:**

[...] **O tema de um dilúvio está presente em todas as culturas, mas os relatos da antiga Mesopotâmia têm um interesse particular por causa das semelhanças com o relato bíblico.** Este não depende delas diretamente (mas tal passagem pode trair esse tipo de influência; assim, 8,6-12 e a tabuinha XI da *Epopéia de Gilgamesch*). **O autor sagrado carregou essas tradições com um ensinamento eterno sobre a justiça e misericórdia de Deus,** sobre a malícia do homem e a salvação concedida ao justo. [...]. <sup>(3)</sup>

Inicialmente os próprios tradutores dizem que “o tema do dilúvio está presente em todas as culturas” o que será comprovado mais à frente em capítulo próprio.

Entretanto, ainda assim, claramente, percebe-se neles a tentativa de salvar o relato bíblico. Deve-se levar em conta que a cultura babilônica era bem mais antiga que a dos hebreus, o que nos induz, por questão de lógica, a concluir que realmente esses últimos plagiaram os primeiros.

Apesar dessa ressalva, estamos vendo aqui que os próprios tradutores apontam para a não

originalidade do relato do dilúvio bíblico.

*Gênesis 6,9: “Noé era um homem justo e perfeito no meio dos homens de sua geração. Ele andava com Deus.”*

Vejamos se ele se comportava mesmo como um homem justo e perfeito:

*Gênesis 9,20-22: “Noé, que era agricultor, plantou uma vinha. Tendo bebido vinho, embriagou-se, e apareceu nu no meio de sua tenda. Cam, o pai de Canaã, vendo a nudez do seu pai, saiu e foi contá-lo aos seus dois irmãos.”*

Na sequência:

*Gênesis 9,24-25: “Quando Noé despertou de sua embriaguez, soube o que tinha feito o seu filho mais novo. 'Maldito seja Canaã, disse ele; que ele seja o último dos escravos de seus irmãos'.”*

Embebedar-se e sair nu pelo acampamento é uma atitude a se esperar de um “homem perfeito”? É um exemplo que devemos seguir? Por outro lado, ao castigar a Canaã, seu neto, em vez de a seu filho Cam, que não parece ser o filho mais novo e sim o do meio (“Noé teve três filhos: Sem, Cam e Jafet”,

em Gênesis 6,10), por ter visto a sua nudez, quando a culpa era dele mesmo, o próprio Noé, por ter saído nu como se estivesse desfilando no Sambódromo em pleno Carnaval, teria agido com justiça?

Gênesis 6,13: *“Então Deus disse a Noé: 'Eis chegado o fim de toda a criatura diante de mim, pois eles encheram a terra de violência. Vou exterminá-los juntamente com a terra'.”*

Pronto: decisão tomada; veio o comunicado, agora era só fazer as águas jorrarem...

Na ***Bíblia Sagrada Paulinas (1980)***, explicam-nos que:

A história do dilúvio que se inicia e se estende até o cap. 8, **contém diversas repetições, devidas a duas fontes de que se serviu o hagiógrafo, justapondo-as, sem lhes limar as diferenças.** Sem dúvida, a narração, **baseia-se em fato histórico – lembrado também em numerosas narrativas babilônicas** – que não nos é dado estabelecer. Talvez se trate de **uma das numerosas inundações do vale do Tigre e do Eufrates, que a tradição ampliou até transformá-la em cataclisma universal,** estendido a toda a terra enxuta. O que é certo, porém, é que o autor sagrado não entende falar do cataclisma em si, mas, antes, ensinar importantes verdades, a primeira das quais, que Deus, justo

juiz, castiga a humanidade culpada. A segunda é que também castigando, ele usa de misericórdia, quer deixando tempo para o arrependimento, quer salvando os justos. Terceira verdade é a da unidade da criação: **Deus pusera as criaturas a serviço do homem, de sorte que agora o castigo infligido ao homem atinge também os animais.** Também são Paulo dirá que a criação agora geme sob a opressão do pecado, aguardando a redenção definitiva, com a ressurreição final (Rom 8,22). (4)

A não ser que se preste bem a atenção, não é fácil perceber que nas entrelinhas está se admitindo ter o dilúvio vindo dos babilônios, de uma tradição que transformou as inundações na região de um fato local para um cataclismo universal.

Por outro lado, não conseguimos evitar em ficar pasmos diante dos absurdos que se diz para, piamente, justificar certas aberrações bíblicas, como esta que aqui encontramos que põe Deus matando todos os animais, fazendo-os compartilhar a mesma sorte do homem.

*Gênesis 6,14-16: “Faze para ti uma arca de madeira resinosa; dividi-la-ás em compartimentos e a untarás de betume por dentro e por fora. E eis como o farás: seu*

*comprimento será de trezentos côvados, sua largura de cinquenta côvados, e sua altura de trinta. Farás no cimo da arca uma abertura com dimensão dum côvado. Porás a porta da arca a um lado, e construirás três andares de compartimentos.”*

Aqui é afirmado que Deus teria ordenado a Noé construir a arca com três andares, mas Flávio Josefo, como vimos, a ordem é que a construísse com quatro andares mantendo-se a mesma altura de trinta côvados <sup>(5)</sup>. Qual das duas versões é a verdadeira?

Apesar de a diferença ser apenas de um andar, ela é significativa em relação ao volume do material empregado e quanto ao tempo gasto na construção da embarcação.

Na ***Bíblia Sagrada Santuário***, reprodução de publicação dos Missionários Capuchinhos de Portugal, temos a seguinte nota a respeito de Gênesis 6,14:

***A arca: Seria um transatlântico, inconcebível para as possibilidades daqueles tempos, o que denota o seu caráter lendário. Teria 150x25x15 metros. Além disso, como por lá tanto animal e***

**dar-lhes alimento?** Temos, pois, uma narração hiperbólica pertencente ao gênero de epopeia. **Os Santos Padres veem nela uma figura da Igreja na tempestade do mundo** (cf. 2Ped 2,5) <sup>(6)</sup>

Aqui, temos algo muito importante, pois são os próprios tradutores bíblicos que afirmam sobre o caráter lendário do dilúvio.

No livro **A História da Bíblia**, de Hendrik Willem Van Loon (1882-1944), tradução de Monteiro Lobato (1882-1948), podemos ler o seguinte:

E Jeová decidiu matar todos os homens, menos Noé e os seus. Chamou-o e mandou que construísse um navio, ou arca. Devia ter 450 pés de comprimento por 75 de largura e 43 de altura. **Tamanho dum transatlântico moderno – e é difícil imaginar como Noé deu conta da incumbência.**

Noé e os filhos puseram-se ao trabalho, sob a chacota dos vizinhos. Que **estranha ideia construir um navio num lugar onde não havia água – rio nenhum, e o mar a mil milhas distante!** <sup>(7)</sup>

Ora, se uma milha equivale a 1.609 metros, temos, então, que estavam a 1.609 km do oceano.

Assim, pela distância que moravam deste, é certo que Noé, sendo um simples lavrador (Gênesis 9,20), não tinha a mínima experiência em construção naval, ou seja, faltava-lhe o *know-how* e nem mesmo possuía expertise; não é mesmo?

Destacamos o início do 2º parágrafo, onde lemos “Noé e os filhos puseram-se ao trabalho, sob a chacota dos vizinhos”. Não sabemos de onde o autor retirou isso, pois no trecho Gênesis 6,13-22, em nenhum momento foi dito que Noé teve alguma ajuda dos seus filhos para construir a arca; ao contrário, há dois versículos no Novo Testamento (Hebreus 11,7; 1 Pedro 3,20) que o coloca construindo sozinho; provavelmente os que o viram nesse empreitada julgavam-no um louco. Portanto, cabe-nos fazer a seguinte pergunta: como é que Noé conseguiu construir a arca sozinho?

Se, porventura, conseguiu esse feito, parece-nos que o tradutor da **Bíblia Shedd**, Luís Alonso Schökel (1920-1998), tem grandes chances de ter acertado em cheio ao dizer:

A Estrutura do que ficou a flutuar por ocasião do

dilúvio é adequadamente de “Arca”, já que não se tratava de nenhuma embarcação capaz de singrar nas águas. **Provavelmente, foi construída em forma quadrada, capaz só de flutuar.** (8)

Conforme pudemos apurar, o côvado equivale a 45 cm. Então, temos: comprimento 135,00 m, largura 22,50 m e altura 13,50 m; com isso cada um dos três andares mediria 3.037,50 m<sup>2</sup> e a área total da arca seria de 9.112,50 m<sup>2</sup>.

Eis uma “réplica” da arca de Noé (9):



**A Arca de Noé foi reconstruído e aberto ao público em Kentucky, EUA.  
As medidas exatas como Deus deu na Bíblia**

Inegavelmente área muito pequena para caber tudo o que Deus ordenara a Noé colocar lá dentro

(<sup>10</sup>), como vemos nesta passagem:

Gênesis 6,19-22: *“De tudo o que vive, de cada espécie de animais, farás entrar na arca dois, macho e fêmea, para que vivam contigo. De cada espécie de aves, e de cada espécie de animais que se arrastam sobre a terra, entrará um casal contigo, para que lhes possa conservar a vida. Tomarás também contigo de todas as coisas para comer, e armazena-los-ás para que te sirvam de alimento, a ti e aos animais. Noé obedeceu, e fez tudo o que o Senhor lhe tinha ordenado.”*



Imaginemos: Noé com sua família eram 8 pessoas; soma-se a isso um casal de todos os animais vivos e mais alimentação para todas essas criaturas que deveria durar por um ano – quando desembarcou Noé já tinha um neto, Canaã –, qual seria o peso e o volume disso tudo? Caberia tudo isso nestes poucos mais de 9.100 m<sup>2</sup>?

Ademais, a diversidade da alimentação dos animais, como colocar isto dentro da arca? Mais

ainda: como não foi ordenado a Noé pôr água dentro da arca, como os seres viveram, nesse período de pouco mais de um ano, sem esse precioso líquido para beber? E o que se come não é forçosamente eliminado pelo organismo? Qual foi o destino dos dejetos do tudo quanto ali vivia, uma vez que a embarcação que Noé construía estava quase que totalmente fechada?

E o ar lá dentro, como deveria estar? Haveria ainda oxigênio para se respirar? Será que, com somente 8 pessoas, eles conseguiriam, no tempo que ficaram confinados na arca, alimentar diariamente toda a bicharada, sem um único dia para o merecido descanso? Como os animais carnívoros foram alimentados? São inúmeras as interrogações que nos surgem à mente.

*Gênesis 7,1-3: “O Senhor disse a Noé: 'Entre na arca, tu e toda a tua casa, porque te reconheci justo diante dos meus olhos, entre os de tua geração. De todos os animais puros tomarás sete casais, macho e fêmea, e de todos os animais impuros tomarás um casal, macho e fêmea, das aves dos céus igualmente sete casais, machos e fêmeas, para que se conserve viva a raça sobre a terra'.”*

Aqui se fala em sete casais de animais puros e também de aves; mas, anteriormente, em Gênesis 6,19-20, já não havia sido dito ser apenas um casal de cada uma dessas espécies? Não estaria isso em contradição um texto com o outro?

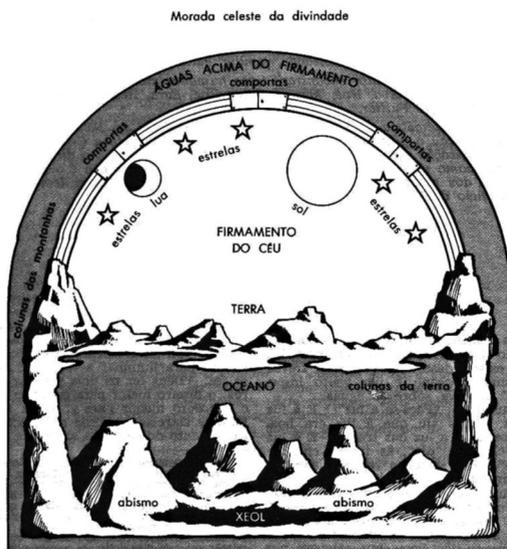
*Gênesis 7,11: “No ano seiscentos da vida de Noé, no segundo mês, no décimo sétimo dia do mês, romperam-se naquele dia todas as fontes do grande abismo, e abriram-se as barreiras dos céus.”*

Aqui, nesse passo, temos o início da grande catástrofe bíblica. É curiosa a maneira sobre a qual pensavam virem as águas das chuvas, como explicam, respectivamente, na ***Bíblia Sagrada Vozes*** e na ***Bíblia Sagrada Santuário***:

**Os antigos imaginavam que acima do firmamento, ou da abóbada do céu, feita de material sólido, estavam as águas a serem despejadas por ocasião das chuvas (Gn 1,6). A terra estava fundada sobre colunas que atingiam o fundo do grande abismo, o Oceano subterrâneo. Este aparecia na superfície em forma de mares, lagos ou fontes (Gn 1,1-10). Na hora do dilúvio, romperam-se todos os registros superiores e inferiores, ameaçando fazer voltar o caos primitivo (cf: Jó 12,15). (11)**

*Fontes do abismo... cataratas do céu:* Já vimos que os hebreus imaginavam o mundo como uma “Casa cósmica” e **pensavam que sobre o firmamento existia um mar de água doce.** Dentro desta concepção, **imagina-se agora que se abrem todas as torneiras do céu** e que as águas dos abismos sobem impetuosas, regressando tudo ao caos primitivo, em que se encontrava o mundo na madrugada da criação (Gn 1,2). Temos, portanto, uma linguagem poética, condicionada pelos conhecimentos daquele tempo (cf. Gn 8,2). <sup>(12)</sup>

Para se ter uma boa ideia de como pensavam ser a Terra, vejamos esta imagem da ***Bíblia Sagrada Vozes*** <sup>(13)</sup>:



No fundo, acreditavam também existir um mar de água – no caso, água doce – lá no céu, que, para eles, era algo sólido, do qual vinham as águas das chuvas. Para que elas precipitassem sobre a terra, era preciso abrir-se os seus “registros”. Usava-se, antigamente, a palavra firmamento para designar o céu, como pode-se ver, por exemplo, no primeiro capítulo de Gênesis (v. 6-8; 14-17). Ela é derivada de “firme”, que significa sólido, tal como pensavam que ele seria.

*Gênesis 7,17-20: “O dilúvio caiu sobre a terra durante quarenta dias. As águas incharam e levantaram a arca, que foi elevada acima da terra. As águas inundaram tudo com violência, e cobriram toda a terra, e a arca flutuava na superfície das águas. As águas engrossaram prodigiosamente sobre a terra, e cobriram todos os altos montes que existem debaixo dos céus; e elevaram-se quinze côvados acima dos montes que cobriam.”*

Na terra, a água é encontrada nos rios, nos mares, na atmosfera, nas nuvens, nos lençóis subterrâneos e em forma de gelo, nas altas montanhas e nos polos. Aquelas que nascem ou caem na superfície, fatalmente, escorrem para as

partes mais baixas do planeta, formando os seus mares. E, segundo a ciência, dois terços do nosso planeta é composto de água e cerca de 97,5% dela compõem os oceanos. E, diga-se de passagem, que o mais lógico era ele ser chamado de “Planeta Água”. Assim, para se ter tanta água, a ponto de se cobrir todos os altos montes da terra, apresentamos duas hipóteses:

1ª - afundamento de toda a superfície de terra; ou...

2ª - as águas da chuva vieram de outro lugar que não da Terra, pois toda a água existente em nosso planeta é bem pouca para se cobrir todos os montes, até os mais altos, incluindo o Monte Everest que é o mais alto de todos com 8.848 metros de altura.

A favor da hipótese de afundamento transcrevemos de **Apócrifos III - Os Proscritos da Bíblia**, o capítulo no *Livro de Enoch*, cap. LXV - Noé, a seguinte narrativa:

1 Naqueles dias, **Noé viu como a terra afundava e como se aproximava a sua**

**destruição.** Então ele partiu daquele lugar e foi até os confins da terra, e chamou pelo seu avô Enoch. Por três vezes ele gritou com voz aflita: “Escuta-me! Escuta-me! Escuta-me!”

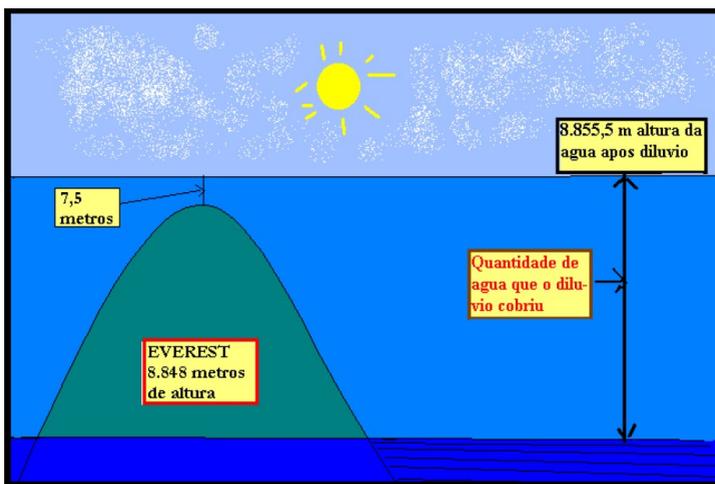
2 E assim eu falei a ele: “Explica-me o que está acontecendo com a terra, pois que está tão atingida e abalada! Tenho receio de perecer junto com ela!” Neste momento aconteceu um grande tremor na terra, e uma voz do céu fez-se ouvir, eu caí sobre a minha face.

3 Então apareceu o meu avô Enoch, aproximou-se de mim e falou-me: “Por que clamaste a mim com voz tão amarga e em lágrimas? **De junto do Senhor foi emitida uma ordem relativa aos habitantes da terra, e ela significará o seu fim,** porque aprenderam dos Anjos todos os segredos e todos os atos violadores dos Satãs, bem como todas as energias ocultas e as forças da magia, e além disso o poder dos esconjuros e as faculdades dos que fundem imagens para toda a terra, e, finalmente, porque aprenderam como se obtém a prata da areia nobre, e como se forma o metal doce sobre a terra. (14)

Se considerarmos que houve apenas um dilúvio localizado, em determinada região da Terra, e não nela toda, é bem possível a 1ª hipótese; fora disto só mesmo em filmes de Steven Spielberg: ficção pura!

Para melhor se mencionar essa suposta catástrofe universal, tem-se que levar em conta que, em relação ao nível do mar, as águas subiram quase 9.000 m, fazendo com que os 2/3 da superfície do planeta sofressem esse acréscimo de águas, que derramaram, pasmem, caros leitores, por apenas 40 dias e 40 noites.

Eis uma ilustração que elaboramos do que teria acontecido em toda a Terra:



Somente em 1/3 da superfície terrestre não se atingiria esses quase 9 km, justamente a parte que corresponde a toda a área seca do Planeta, a altura da água seria variável de acordo com a topografia de

cada região, partindo-se do zero (nível do mar) até 8.848 m (altura do Everest).

Se a arca de Noé chegou a flutuar a um nível de aproximadamente 8.900 metros, então, fatalmente, faltou oxigênio, pois nessa altura ele é bem rarefeito que não permitiria a existência de seres que necessitam do ar para se manterem vivos.

Ademais poderíamos acrescentar que “no topo do monte Everest, o valor da pressão atmosférica é aproximadamente 36% do seu valor ao nível do mar”<sup>(15)</sup>, fato que fatalmente implicará na impossibilidade de um ser humano viver nessa condição. A temperatura negativa, será também algo a somar-se. Eis a sua localização geográfica<sup>(16)</sup>:



Mapa com a localização do Monte Everest, em vermelho.

Vejamos no site **Brasil Escola** estas importantes informações:

[...] **esse pico montanhoso está recoberto por uma camada de neve eterna.** Isso se dá pelas temperaturas congelantes encontradas nos pontos de maior altitude do Everest. Nos meses correspondentes ao verão, registram-se valores de até  $-19\text{ }^{\circ}\text{C}$ , enquanto nos meses de inverno os termômetros podem variar entre  $-35\text{ }^{\circ}\text{C}$  e  $-60\text{ }^{\circ}\text{C}$ , caracterizando **um clima extremo que torna os pontos mais altos do Monte Everest inviáveis para o estabelecimento de formas de vida, seja animal ou vegetal.**

*É comum a ocorrência de ventos muito fortes no Monte Everest, principalmente nas áreas mais próximas do cume, onde **se registram rajadas de 160 km/h.** [...].* <sup>(17)</sup>

É lógico que o autor bíblico não tinha nenhuma dessas informações, caso as tivessem, certamente, que inventaria uma outra história, que não essa de Noé e a arca, para relatar o “aniquilamento” dos seres vivos por Deus.

Na **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia - vol. 2**, os autores Russell Norman Champlin (1933-2018) e J. M Bentes, questionam sobre a possibilidade de um dilúvio universal

levando-se em conta a quantidade de água existente na Terra:

*A quantidade de água. Fatal à teoria do dilúvio universal é a observação de que a quantidade de água necessária para cobrir a face da terra até encobrir o monte Everest, o mais alto monte do planeta, teria de ser seis vezes maior do que atualmente existe na terra.* Teria sido impossível haver chuvas assim abundantes, dentro do tempo determinado em Gênesis 7:12, quarenta dias e quarenta noites, incluindo os depósitos naturais de água na terra, para que isso pudesse suceder. **Além disso, como tanta água teria se evaporado?** Só se essa água estivesse perdida no espaço, o que sabemos que jamais acontece. **Verdadeiramente, para que esse efeito fosse conseguido, teria de ter chovido durante vários anos, com água vinda do espaço exterior.** Isso posto, teríamos de supor, em primeiro lugar, um suprimento *sobrenatural* de água e em segundo lugar, uma retirada *sobrenatural* de água, da face do planeta. <sup>(18)</sup>

Muito interessante a afirmação de Russell N. Champlin e J. M. Bentes de que se necessitaria de seis vezes mais água do que a atualmente existente na Terra para que o dilúvio cobrisse o mais alto monte, e assim os bibliólatras pudessem ter elementos para sustentar sua crença no dilúvio.

Julgamos que basta usar um pouquinho de lógica para ver a impossibilidade científica do dilúvio como narrado na Bíblia; só mesmo por puro fanatismo pode-se nele acreditar. A não ser que a parte subaquática da terra tenha se dilatado a tal ponto que as águas tenham subido, na mesma proporção, até encobrir o mais alto cume e, após cerca de um ano tenha-se retraído.

Interessante a seguinte nota de rodapé relacionada a essa passagem, constante na **Bíblia Sagrada - Vozes**:

**O dilúvio não foi universal mas uma grande inundação que cobriu o horizonte geográfico de Noé.** A existência de histórias do dilúvio em outros povos primitivos mostra que há uma consciência geral sobre uma catástrofe que ameaçou a humanidade dos primórdios. <sup>(19)</sup>

Ótimo, confirma-se a possibilidade de ter sido localizado; entretanto, o que não compreendemos é que, apesar disso, ainda teimam em dizer que ele foi universal...

**Gênesis 7,11: “No ano seiscentos da vida de Noé, no segundo mês, no décimo**

**sétimo dia do mês**, romperam-se naquele dia todas as fontes do grande abismo e abriram-se as barreiras dos céus.”

Gênesis 8,13-14: **“No ano seiscentos e um, no primeiro mês, no primeiro dia do mês, as águas tinham secado sobre a terra. Noé descobriu o teto da arca, olhou e viu que a superfície do solo estava seca. No segundo mês, no vigésimo sétimo dia do mês, a terra estava seca.”**

Do início do dilúvio até o dia em que a terra ficou totalmente seca, segundo esses passos, passaram-se, aproximadamente, 1 ano e poucos dias, segundo a *Bíblia Shedd*, exatos 371 dias <sup>(20)</sup>. Período confirmado com o nascimento de Canaã, neto de Noé, filho de Cam.

Certamente, que, com um período tão longo desse, toda a vegetação que cobria a terra deve ter apodrecido; assim, é de se perguntar: como se alimentaram os animais herbívoros depois do dilúvio, porquanto, demandaria um bom tempo para tudo se recompor novamente e haver alimentação para esses animais?

Ademais, quanto aos animais carnívoros, com

um só casal de cada espécie, não teriam sido extintos vários deles, visto se alimentarem uns dos outros?

Observe, caro leitor, que Noé descobriu o teto da arca, o que leva a crer que, neste período todo, ela estava totalmente fechada, numa escuridão completa. Como viveram os que lá estavam – homens e animais –, neste período todo, sem a luz do sol, que sabemos ser necessária para a manutenção da vida?

*Gênesis 8,1: “Ora, Deus lembrou-se de Noé, e de todos os animais e de todos os animais domésticos que estavam com ele na arca.”*

Ainda bem que Deus se lembrou, pois, caso isto não tivesse acontecido, é bem provável que, até hoje, ainda estariam abertas *“as barreiras do céu”*, em várias outras traduções *“as comportas do céu”* (Gênesis 7,11) e com isso chovendo, o que, talvez, faria que as águas transbordassem do planeta.

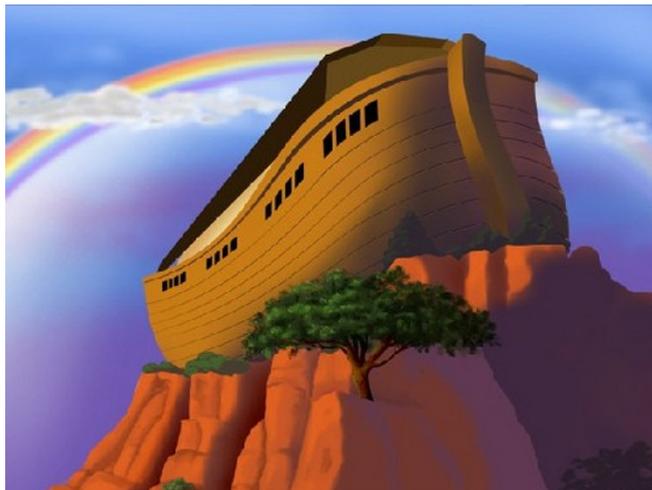
Na *Bíblia Sagrada - Santuário*, encontramos, em nota de rodapé, a seguinte explicação nesse versículo:

Gênesis 8,1. “*Dilúvio*, etapa da História da Salvação: **A narração do Dilúvio, uma lenda babilônica assumida pela Bíblia**, tem uma grande mensagem teológica: [...]. <sup>(21)</sup> (itálico do original)

Ótimo! Até tradutores bíblicos dizem tratar-se o dilúvio de uma lenda babilônica e com o *nihil obstat, imprimi potest e imprimatur*, por parte da própria liderança católica, sancionando essa informação.

Gênesis 8,2-5: “*As fontes do abismo fecharam-se assim como as barreiras dos céus e foram retidas as chuvas. As águas foram-se retirando progressivamente da terra; e começaram a baixar depois de cento e cinquenta dias. No sétimo mês, no décimo sétimo dia do mês, a arca parou sobre as montanhas do Ararat. Entretanto as águas iam diminuindo pouco a pouco até o décimo mês; e no décimo mês, no primeiro dia do mês apareceram os cumes das montanhas.*”

Considerando o que é informado nesse texto bíblico, provavelmente, os que o lerem terão uma ideia da arca encalhada no Monte Ararat conforme esta imagem ilustrativa:



Entretanto, a bem da verdade, o Monte Ararat é bem assim, como nesta imagem seguinte:



Se está coberto de gelo, certamente, é pelo motivo de se elevar a 5.165 metros de altura -

Grande Ararat, onde as condições atmosféricas são totalmente inóspitas, com baixa temperatura. Na **Wikipédia** temos:

[...] o GPS mostram uma medição de 5 137 m, e que a elevação real pode ser ainda menor devido à **espessa camada de gelo coberto de neve permanente que permanece no topo da montanha**. A altura de 5137 m é também apoiada por numerosas cartas topográficas. <sup>(22)</sup> <sup>(23)</sup>

A questão é: Seria possível sobreviver àquela altitude, com temperatura baixa e ar rarefeito, todos os seres vivos que passaram mais de um ano confinados dentro de uma arca?

É bem curiosa a afirmação de que “As águas foram retirando-se progressivamente da terra”; mas, para onde foram? Não evaporaram, pois cairiam novamente em forma de chuvas, já que as nuvens estariam sobrecarregadas de vapor d'água. Teriam escorrido para fora do planeta Terra? Talvez, apelando-se, por não se achar uma alternativa lógica para explicar a questão.

No site da **National Geographic - Portugal**, foi publicado o artigo “A razão pela qual a Arca de

Noé nunca será encontrada” por Erin Blakemore, Jornalista e escritora de Boulder, Colorado, do qual destacamos o seguinte trecho:

Para complicar ainda mais a questão, os especialistas divergem quanto à localização exata da Arca de Noé segundo a bíblia hebraica. **No Livro do Génesis, a arca atracou “nas montanhas de Ararat”, localizadas no reino ancestral de Urartu, uma zona que inclui actualmente a Arménia e partes da Turquia ocidental e do Irão – não apenas o pico icónico actualmente conhecido por este nome.**

“Não há como determinar o local exacto onde isto ocorreu no Próximo Oriente”, diz Magness. <sup>(24)</sup>  
<sup>(25)</sup>

Eis um grande complicador para os “caçadores da arca de Noé”, mas, de fato, o texto bíblico fala de “montanhas do Ararat” (Gênesis 8,4). Em outras traduções encontramos “montes de Ararat” e “montes da Armênia”.

Na *Torá - A Lei de Moisés*, encontramos na explicação “sobre os Montes de Ararat”, esta informação: “No livro de Isaías (37:38) é o nome de um país.” <sup>(26)</sup>. Aí aproveitamos para conferir, localizando estas três passagens:

2 Reis 19,37: “e fugiram para a **terra de Ararat**”.

Isaías 37,38: “E fugiram para a **terra de Ararat**”.

Jeremias 51,27: “**mobilizai os reinos de Ararat**, de Meni e Ascenez!”

Portanto, confirma-se que, nos textos bíblicos, a referência a Ararat se tratar mesmo de um país e não um monte específico.

Gênesis 8,20: “E Noé levantou um altar ao Senhor: tomou de todos os animais puros e de todas as aves puras, e ofereceu-os em holocausto ao Senhor sobre o altar.”

É incrível que depois de todo sacrifício para salvar os animais, Noé, sem o mínimo de constrangimento, queima alguns deles em oferta ao “Senhor”, ou seja, ao mesmo Deus que lhe ordenara conservá-los, guardando-os e mantendo-os vivos.

Gênesis 8,21: “O Senhor respirou um agradável odor, e disse em seu coração: ‘Doravante, não mais amaldiçoarei a terra por causa do homem – porque os pensamentos do seu coração são maus desde a sua juventude –, e não ferirei mais todos os seres vivos, como

*o fiz'."*

Os animais oferecidos em sacrifício eram queimados num altar por acreditarem que Deus se deliciasse em respirar o cheiro "agradável" de carne queimada como qualquer um de nós mortais. Aqui, novamente, Deus é retratado como sendo de carne e osso, pois também respira e sente cheiro.

Na fala do texto, entendemos que Deus, finalmente, por compreender que o homem tinha os pensamentos maus desde a juventude, coisa que parecia não saber quando o criou, se arrepende de o ter eliminado; então, promete não mais ferir os seres vivos.

*Gênesis 9,2: "Vós sereis objeto de terror e espanto para todo o animal da terra, toda a ave do céu, tudo que se arrasta sobre o solo e todos os peixes do mar: eles vos são entregues nas mãos."*

Bom, deve ter havido algum engano, pois, se um leão faminto estiver em nossa frente, ele não vai tremer por estarmos diante dele; com certeza, depois de nos devorar, vai se deitar e roncar feliz da vida.

Gênesis 9,12-15.17: *“Deus disse: ' Eis o sinal da aliança que eu faço convosco e com todos os seres vivos que vos cercam, por todas as gerações futuras. Ponho o meu arco nas nuvens, para que ele seja o sinal da aliança entre mim e a terra. Quando eu tiver coberto o céu de nuvens por cima da terra, o meu arco aparecerá nas nuvens, e me lembrarei da aliança que fiz convosco e com todo ser vivo de toda a espécie e as águas não causarão mais dilúvio que extermine toda criatura”. Dirigindo a Noé, Deus acrescentou: 'Este é o sinal da aliança que faço entre mim e todas as criaturas que estão na terra'.”*

Como antes, Deus quase se esqueceu que Noé estava na arca durante o dilúvio, e para não correr o risco de esquecer-se da aliança que agora fazia com Noé, resolve colocar um arco nas nuvens, assim como fazem as pessoas que amarram fitinhas nos dedos para não se esquecerem de algo que não podem deixar de fazer.

Afinal, sabe, caro leitor, que arco é esse? Não?! Então vamos ver o que é na versão da *Bíblia Sagrada* Vozes:

Gênesis 9,14.16: *“Quando cobrir de nuvens a terra, aparecerá o arco-íris. Quando o **arco-íris***

*estiver nas nuvens eu o olharei como recordação da aliança eterna entre Deus e todos os seres vivos, com todas as criaturas que existem sobre a terra.”*

É isto mesmo; o famoso arco-íris, um fenômeno natural, que aparece no céu após uma chuva, com o raio do sol refletindo nas águas das nuvens e se decompondo em sete cores principais. Ele é um arco multicolorido, cuja ordem completa é: vermelho, laranja, amarelo, verde, azul, anil (ou índigo) e violeta <sup>(27)</sup>. Isso também é obtido usando-se um prisma de cristal; mas Deus ainda não tinha conhecimento disto; não é mesmo?

*Gênesis 9,28-29: “Noé viveu ainda depois do dilúvio trezentos e cinquenta anos; a duração total da vida de Noé foi de novecentos e cinquenta anos, e morreu.”*

Entre outros personagens de “longa vida”, temos Noé com 950 anos, frontalmente contra as perspectivas dos cientistas que colocam a vida humana bem abaixo disto, com um tempo próximo ao que se diz nesta narrativa bíblica:

*Gênesis 6,3: “O Senhor então disse: ‘Meu espírito não permanecerá para sempre no*

*homem, porque todo ele é carne, e **a duração de sua vida será só de cento e vinte anos**’.”*

É de se perguntar: será que Deus não se lembrou de Noé e ele conseguiu ultrapassar a duração da vida que Ele tinha fixado em 120 anos?

## Antigas lendas sobre dilúvios

Para demonstrar que ocorrência de dilúvio é algo que se vê num bom número de culturas antigas, trazemos da obra ***História das Religiões e a Dialética do Sagrado***, autoria de Leonardo Arantes Marques, o seguinte trecho:

Quase todas as lendas, contos e mitos <sup>(28)</sup> foram compilados e acrescidos de histórias mirabolantes e fantásticas, pelas mentes férteis de nossos antepassados. Mas nenhuma história impressiona mais nossos cérebros que a **da grande inundação**. <sup>(29)</sup> “Por meio de sondagens, consegue-se estabelecer a extensão geral da enorme inundação. Segundo a opinião de Woolley, a catástrofe cobriu, a nordeste do golfo Pérsico, uma extensão de 630 quilômetros de comprimento por 160 quilômetros de largura. Visto no mapa (vai do golfo Pérsico até Bagdá), **aquilo foi apenas um 'acontecimento local'**, como diríamos hoje... mas para os habitantes daquelas bacias essa região era todo o seu mundo”. <sup>(30)</sup>

Conta-nos a epopeia babilônica que Marduk, <sup>(31)</sup> ao combater Tiamat e suas hostes de demônios, que causavam o caos, estabeleceu a harmonia do Universo e criou o homem a partir do barro para o

serviço dos deuses e para reverenciá-lo como “rei para sempre” (32). **O homem vivia bem no paraíso**, onde a simplicidade e a ignorância faziam parte de sua existência, até que um dia Oannes, um semideus representado como meio peixe, meio filósofo, tirou-o das trevas e lhe deu o conhecimento do “bem e do mal”, das artes, das ciências, das construções de cidades e das leis. **Os deuses desaprovaram tal atitude e resolveram matar o homem com uma grande inundação.** Mas Ea, também chamado Enki (considerado o pai de Marduk), o deus da sabedoria e da magia, apiedando-se do gênero humano, resolve salvar pelo menos um da espécie. Diz então Ea a Shamash: “A inundação vem e o mar encher-se-á de homens, como ovos de peixe”. **Após a grande inundação que devastou toda a humanidade, os deuses choraram diante da própria loucura**, perguntando-se: “Quem agora nos proporcionará sacrifícios?”. **Os únicos que escaparam ilesos da grande inundação foram Shamash-napishtim e sua família, que construíram uma grande arca a pedido de Enki. Navegaram meses a fio até finalmente atracar na ponta da montanha de Nisir, o pico mais alto da terra, onde Shamash soltou uma pomba para inspeção do local. Depois de vários dias de espera e muita angústia, a pomba volta com um ramo seco no bico, demonstrando que as águas haviam baixado e o local poderia ser habitado com segurança.** Shamash, em agradecimento por ter conseguido salvar-se, sacrificou a pomba aos deuses, os quais se sentiram cheios de surpresa e gratidão. “Os

deuses cheiraram o fumo do sacrifício e juntaram-se como moscas ao redor da oferenda”. (33)

**Quando Layard encontrou, em 1845, algumas tábuas com escritas cuneiformes**, na biblioteca do palácio de Senaqueribe, rei da Assíria, **sobre uma possível inundação, o mundo escandalizou-se, colocando a verdade bíblica em discussão**. Esta mesma inundação foi confirmada quando encontraram novas tábuas nas ruínas da biblioteca de Assurbanipal, em Nínive, do século VII a.C., mas datando de cerca de mil anos antes do rei Hammurabi. **Se as tábuas encontradas na biblioteca de Assurbanipal datavam cerca de 3200 a.C. e o dilúvio apresentado no primeiro livro bíblico só fora “escrito” por Moisés em aproximadamente 1220 a.C., isso prova que o escritor ou escritores do Gênesis compilaram este e muitos outros relatos da Mesopotâmia**. A prova definitiva disso ocorreu em 1920, quando Woolley desenterrou a cidade de Ur, encontrando nesse local tábuas com escrita cuneiforme, relatando a história sobre uma grande inundação, contada por Gilgamesh, rei de Uruk ou Erech, em aproximadamente 3000 a.C. Gilgamesh era descendente de Shamash-napishtim, rei de Shurupak, que, segundo a lenda, se tornou imortal. Conta-nos a lenda que a grande Alquimia de Gilgamesh era a busca existencial da imortalidade. Como Napishtim foi salvo pelo deus Ea, contou a história a Gilgamesh e este a escreveu para a posteridade. “O mito do dilúvio, com todas as suas implicações, revela como a vida pode ser valorizada por outra consciência diferente da humana; vista do nível netuniano, a vida

humana aparece como algo frágil, que é preciso reabsorver periodicamente, pois o destino de todas as formas é dissolver-se a fim de poder reaparecer. Se não fossem regeneradas pela reabsorção periódica nas águas, as 'formas' se desfariam, esgotariam as suas possibilidades e extinguir-se-iam definitivamente. Os atos maus acabariam por desfigurar a humanidade; esvaziada dos germes e das forças criadoras, a humanidade estiolaria, decrépita e estéril. Em vez da regressão lenta às formas submarinas, o dilúvio conduz à reabsorção instantânea nas águas, nas quais os pecados são purificados e das quais nascerá a humanidade nova, regenerada". (34).

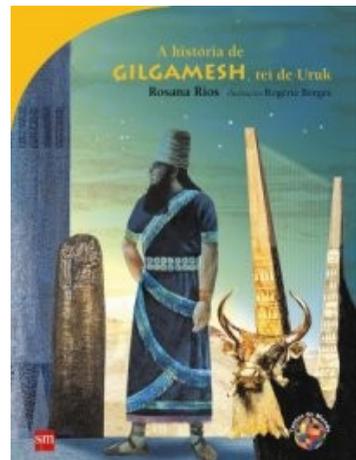
Em 1965, o Museu Britânico fez novas descobertas e trouxe à luz duas tábuas escritas em Sippa, **Babilônia**, no século XVII a.C. no reinado de Ammisaduqa. Essas tábuas referem-se a Ziusudra, um possível rei-sacerdote de Shuruppak, por volta de 2900 a.C., aparecendo como uma das figuras mais antigas da lista de reis sumerianos. **Quando Deus resolveu afogar a humanidade**, Enki (Ea), o deus que dominava as águas, chamou Ziusudra, homem piedoso e honesto, e contou-lhe sobre o plano catastrófico de Deus de destruir o gênero humano, afogando-o. Ziusudra construiu um imenso barco, salvou-se a si, sua esposa e filhos do grande dilúvio que transformou toda humanidade em lodo.

Lendo vagarosamente o texto bíblico sobre o dilúvio, **percebemos uma diferença acentuada dos relatos do dilúvio babilônico e sumeriano para o judaico**. Noé, diferentemente de Ziusudra,

aparece como uma figura moral, obediente e determinada pela fé em seu Deus. Não foi “outro” deus que disse a Noé que Deus afogaria a humanidade por causa de seus “pecados”, mas o próprio Eterno. Na história de Gilgamesh os episódios aparecem fragmentados e isolados de um contexto histórico e moral. A versão judaica do dilúvio “vê cada evento encerrando questões morais e, coletivamente, dando testemunho de um projeto providencial. Essa é a diferença entre a literatura secular e a religiosa e entre os escritos de um simples folclore e uma história consciente e determinada” (35). (36)

Marques, dessa forma, corrobora a antiguidade da crença no dilúvio, o que torna evidente ser o texto bíblico cópia, ou, na melhor das hipóteses, simplesmente uma adaptação dela.

Na obra ***A História de Gilgamesh, Rei de Uruk***, autoria de Rosana Rios, escritora de literatura infantil e juvenil premiada, especialista em mitologia, folclore e RPG, narra lendária história desse personagem, da qual transcrevemos o



seguinte trecho:

O antepassado então lhe disse:

– Vou lhe narrar uma história, um segredo que só os deus conhecem.

E Ut-Napistim lhe contou que, havia muito, muito tempo, tinha morado em Shuruppak, uma cidade às margens do rio Eufrates. Naquela época, os deuses se sentiram perturbados com o barulho dos mortais, tão alto que não os deixava dormir. Enlil, o deus dos ventos, propôs:

– **Vamos soltar as águas do mundo e afogar esse povo barulhento**, que perturba nossa paz.

Todos concordaram: Anu, o deus dos céus, Shamash, o deus-sol, Sin, o deus-lua; Ishtar, a deusa do amor. E fizeram o juramento de não revelar a nenhum mortal o que aconteceria.

Mas Enki, o deus das águas doces, era amigo dos humanos. **Ele foi a Shuruppak para revelar a vinda do dilúvio a Ut-Napistim, um homem bom e fiel aos deuses.** Como não podia quebrar seu juramento e contar a verdade a ele, usou um estratagema: não se dirigiu ao homem, mas a sua casa feita de juncos.

– Casa de juncos – disse Enki –, escute o que vou dizer. Diga ao homem de Shuruppak que o Cavaleiro da Tempestade <sup>(37)</sup> **trará as chuvas, e as águas afogarão todas as pessoas e todos os animais. A única forma de sobreviver será construir um grande barco e colocar nele a semente de todas as coisas vivas.**

E, sempre tamanho falando para a cabana de juncos, **Enki explicou o formato e o que devia ter a embarcação.**

Ut-Napistim entendeu a mensagem e obedeceu ao deus. Derrubou sua casa e em sete dias **construiu um enorme barco. Nele, acomodou toda a sua família, os trabalhadores da região e tudo o que possuía, além dos animais de criação e dos animais selvagens da floresta e dos campos.**

Afinal, o Cavaleiro da Tempestade veio trazendo a chuva destruidora. O barco foi carregado pela água e pelo vento. Mortal como uma batalha, o temporal se abateu sobre as pessoas e as cidades. Vendavais varreram as florestas e a água furiosa a tudo cobriu. A violência era tanta que os próprios deuses se encolheram nos céus, com medo da fúria do dilúvio.

**Depois de uma semana o temporal se acalmou;** Ut-Napistim olhou para fora do barco e, com o coração dolorido, viu que toda a humanidade tinha voltado ao barro primitivo.

**O barco encalhou no topo do monte Nisin,** e dali o homem de Shuruppak **soltou uma pomba.** Mas ela não encontrou onde pousar e voltou; então, **soltou uma andorinha,** que também voltou. Por fim, **soltou um corvo,** que encontrou terra e não voltou. Ele e sua família desceram o monte e **acenderam uma fogueira em homenagem aos deuses.**

No alto do céu, **os deuses estavam arrependidos por terem enviado o dilúvio e**

**destruído os humanos** e se reuniram como moscas em torno da fumaça da fogueira. [...]. <sup>(38)</sup>

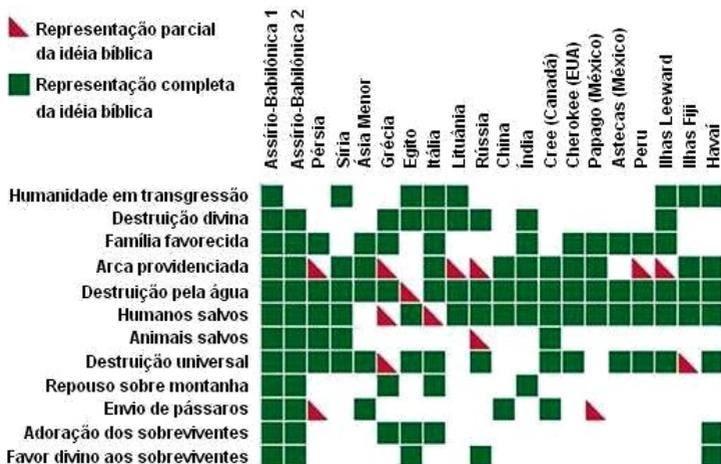
Detalhes, que encontramos no relato de Shuruppak, bem semelhantes com os narrados na Bíblia a respeito de Noé:

- a) - escolha de um homem para salvar;
- b) - mandaram-no construir um grande barco;
- c) - acomodou a família, trabalhadores da região e animais de criação e selvagens;
- d) - o barco encalhou no topo do monte Nisin;
- e) - soltou: uma pomba, uma andorinha e finalmente, um corvo;
- f) - Shuruppak acendeu uma fogueira em homenagem aos deuses; e
- g) - os deuses ficaram arrependidos de ter enviado o dilúvio e destruído os humanos.

No artigo ***O Dilúvio de Noé e o Épico de Gilgamesch*** <sup>(39)</sup>, de autoria do australiano Jonatham Sarfati, encontramos um gráfico bem interessante, no qual é demonstrada a existência da crença em

dilúvio nas várias culturas:

## TRADIÇÕES DILUVIANAS



Nessa representação gráfica, se encontram listadas 20 culturas, mundo afora, fato que, indiscutivelmente, comprova que o dilúvio bíblico não é mesmo algo original.

Do livro ***A Criação do Mundo: Mitos e Lendas***, de Claude-Catherine Ragache, tomaremos alguns trechos:

### a) Os astros do quinto mundo (América Central)

Uma chuva de lava vinda do sul destruiu o

terceiro mundo. Dessa vez, o responsável foi Tlaloc, deus da chuva, do relâmpago, dos raios e dos vulcões.

Do leste, finalmente, veio **um dilúvio que afogou a Terra** durante cinquenta e dois anos e derrubou o Céu – foi assim que a deusa das águas aniquilou o quarto mundo. Apenas um homem e uma mulher conseguiram salvar-se, refugiando-se no alto de um cipreste imenso, mas o deus Tlaloc acabou por descobri-los e transformou-os em cachorros. Quanto a águas se foram, não restava na Terra nenhum vestígio vida humana. <sup>(40)</sup>

#### b) **O peixe do cifre de ouro (Índia)**

O animal atingira um tamanho gigantesco. Suas escamas douradas fulguravam ao Sol. Para olhar o peixe, Manu (que ficara na praia) precisava apertar os olhos. Antes que o bicho se afastasse, o homem gritou:

Não posso fazer mais nada por você... Posso saber quem é? Pode, sábio Manu. Chegou o momento de satisfazer sua legítima curiosidade. Sou Vishnu, o deus que cuida da ordem do mundo. Deixei minha morada celeste porque o mundo corre perigo. **Em breve, a Terra será submersa por um dilúvio, e todas as criaturas que nela vivem se afogarão.** Se você não seguir minhas instruções, a vida desaparecerá. Pois, **sábio Manu, eu o escolhi para salvar todas as espécies.**

Consciente da importância da missão que Vishnu lhe confiava, Manu aceitou-a sem hesitar.

Tomei forma de um peixe para atraí-lo ao oceano explicou o deus. - Agora, **vou mandar-lhe um barco bem grande, em que caiba um casal de cada espécie animal que vive na Terra.** Reúna-os depressa. Traga também sacos com sementes das sete variedades de arroz. Para cuidar da segurança do navio, mantereí minha forma de peixe.

Foi assim que Manu, ajudado por Vishnu, preservou a vida na Terra. No auge do dilúvio, quando a tempestade varria o oceano, Vishnu pediu socorro à grande serpente divina Ananka, que vive enrodilhada ao eixo do mundo. Ananka desenrolou-se, e Manu utilizou-a como corda para amarrar o barco ao chifre de Vishnu. Guiado pelo deus até as montanhas, o sábio pôde esperar em segurança que as águas baixassem. <sup>(41)</sup>

E para confirmar que a história de Noé não passa de uma lenda, vamos ver o que consta da **Revista Galileu** nº. 115:

#### **As raízes de Noé**

**Lendas sobre grandes dilúvios estão espalhadas entre diferentes culturas. Estima-se que cerca de 300 histórias desse tipo já tenham sido registradas.** A de Noé, no entanto, é a mais famosa na civilização ocidental.

**Estudiosos apontam que o Dilúvio, parte do livro do Gênesis, tenha sido escrito entre 550 a.C. e 450 a.C., período em que os judeus mais**

**influentes de Jerusalém foram aprisionados na Babilônia.** “O Gênesis cumpria o papel de reforçar a identidade desse povo”, explica Fernando Altemeyer, professor de teologia da PUC. Inspirado na literatura babilônica, o livro mostrava que os judeus tinham uma história e um passado respeitável e deveriam buscar seu futuro a partir daqueles ensinamentos de seus antepassados.

**A história de Noé tem muito em comum com um poema babilônico escrito por volta de 1600 a.C., que faz parte do Épico de Gilgamesh.** O poema trata de um rei mítico chamado Atrahasis, que é avisado a tempo pelos deuses de que um dilúvio está prestes a destruir a humanidade. Atrahasis constrói então uma enorme embarcação, e nela coloca sua família, seus pertences e alguns animais. As semelhanças entre o Gênesis e Gilgamesh são muitas. A lenda babilônica, por sua vez, também não é original, mas baseada em uma história suméria cerca de mil anos mais antiga, provavelmente assimilada pelos babilônicos durante a conquista da região.

**A versão babilônica não influenciou somente o Antigo Testamento.** Entre os gregos, a lenda era muito popular, pois eles mesmos já tinham presenciado a fúria das águas devido à erupção de um vulcão no século 15 a.C. **Dos gregos, a história passou aos romanos, e dessa vez, quem assume a autoria do dilúvio é o deus Júpiter, enfurecido com a má conduta humana.**  
(<sup>42</sup>)

Temos, portanto, confirmado, de forma irrefutável, que, em algumas culturas mais antigas do que a dos hebreus, já contavam histórias sobre o dilúvio.

## Na Codificação Espírita

A partir da 2ª edição de **O Livro dos Espíritos**, Allan Kardec (1804-1896) passa a mencionar algo a respeito do dilúvio quando trata das “Considerações e concordâncias bíblicas referentes à Criação”, item 59, do qual transcrevemos:

A Ciência, de acordo neste ponto com Moisés, coloca o homem em último lugar na ordem da criação dos seres vivos. **Moisés, porém, estabelece como o do dilúvio universal o ano 1654** <sup>(43)</sup> **da formação do mundo, enquanto a Geologia nos mostra o grande cataclismo como anterior ao aparecimento do homem**, visto não se ter encontrado, até hoje, nas camadas primitivas, traço algum de sua presença, nem da dos animais da mesma categoria, do ponto de vista físico. Mas nada prova que isso seja impossível. Muitas descobertas já lançaram dúvidas a respeito. Pode acontecer que, de um momento para outro, se adquira a certeza material da anterioridade da raça humana e então se reconhecerá que, nesse ponto como em tantos outros, o texto bíblico é uma figura. **A questão está em saber se o cataclismo geológico é o mesmo que o de Noé.** Ora, o

tempo necessário à formação das camadas fósseis não permite confundi-los, e desde que se encontrem vestígios da existência do homem antes da grande catástrofe, ficará provado que Adão não foi o primeiro homem, ou que a sua criação se perde na noite dos tempos. Contra a evidência não há raciocínios possíveis e será preciso aceitar-se esse fato, como se aceitaram o do movimento da Terra e os seis períodos da Criação.

**A existência do homem antes do dilúvio geológico ainda é, na verdade, uma hipótese,** mas eis aqui uma coisa que o é menos. Admitindo-se que o homem tenha aparecido pela primeira vez na Terra 4.000 anos antes do Cristo e que, 1.650 anos mais tarde, toda a raça humana foi destruída, com exceção de uma única família, conclui-se que o povoamento da Terra data apenas de Noé, ou seja, de 2.350 anos antes da nossa Era. Ora, quando os hebreus emigraram para o Egito, no décimo oitavo século, encontraram esse país muito povoado e já bastante adiantado em civilização. A História prova que, nessa época, a Índia e outros países eram igualmente florescentes, mesmo sem se levar em conta a cronologia de certos povos, que remonta a uma época muito mais afastada. **Teria sido preciso, portanto, que do vigésimo quarto ao décimo oitavo século, isto é, que num espaço de 600 anos, não somente a posteridade de um único homem tivesse podido povoar todas as imensas regiões então conhecidas, supondo-se que as outras não o fossem, mas também que, nesse curto intervalo, a espécie humana houvesse podido elevar-se da ignorância absoluta do estado**

**primitivo ao mais alto grau de desenvolvimento intelectual, o que contraria todas as leis antropológicas.**

A diversidade das raças vem reforçar mais ainda esta opinião. O clima e os costumes produzem, sem dúvida, modificações das características físicas; sabe-se, porém, até onde pode ir a influência dessas causas, e o exame fisiológico prova haver, entre certas raças, diferenças constitucionais mais profundas do que as que o clima é capaz de determinar. O cruzamento das raças produz os tipos intermediários; tende a apagar os caracteres extremos, mas não os produz; apenas cria variedades. Ora, para que tenha havido cruzamento de raças, era preciso que houvesse raças distintas. Como, então, explicar a sua existência, dando-lhes um tronco comum e, sobretudo, tão próximo? **Como admitir que, em alguns séculos, alguns descendentes de Noé se tenham transformado a ponto de produzirem a raça etíope, por exemplo?** Uma tal metamorfose não é mais admissível do que a hipótese de um tronco comum para o lobo e a ovelha, para o elefante e o pulgão, para o pássaro e o peixe. Ainda uma vez: nada pode prevalecer contra a evidência dos fatos.

Tudo se explica, ao contrário, admitindo-se que a existência do homem é anterior à época que lhe é vulgarmente assinalada; que diversas são as origens; que Adão, vivendo há 6.000 anos, tenha povoado uma região ainda desabitada; **que o dilúvio de Noé foi uma catástrofe parcial,**

**confundida com o cataclismo geológico;** levando-se em conta, finalmente, a forma alegórica peculiar ao estilo oriental, a qual se encontra nos livros sagrados de todos os povos. Por isso é prudente não contestar com tanta leviandade as doutrinas que, cedo ou tarde, como tantas outras, podem desmentir os que as combatem. As ideias religiosas, longe de perderem alguma coisa, se engrandecem quando caminham ao lado da Ciência. Esse é o único meio de não mostrarem um lado vulnerável ao ceticismo. <sup>(44)</sup>

Na sua linha de raciocínio Allan Kardec admite o dilúvio de Noé como “uma catástrofe parcial, confundia com o cataclismo geológico”.

No capítulo IX – Dilúvio bíblico de **A Gênese**, o Codificador argumenta:

**4. O dilúvio bíblico**, também conhecido pela denominação de “grande dilúvio asiático”, **é fato cuja realidade não se pode contestar**. Deve tê-lo ocasionado o levantamento de uma parte das montanhas daquela região, como o do México. Corroboram esta opinião a existência de um mar interior, que ia outrora do mar Negro ao oceano Boreal, comprovada pelas observações geológicas. O mar de Azov, o mar Cáspio, cujas águas são salgadas, embora nenhuma comunicação tenham com nenhum outro mar; o lago Aral e os inúmeros lagos espalhados pelas imensas planícies da

Tartália e as estepes da Rússia parecem restos daquele antigo mar. Por ocasião do levantamento das montanhas do Cáucaso, posterior ao dilúvio universal, parte daquelas águas foi recalçada para o norte, na direção do oceano Boreal; outra parte, para o sul, em direção ao oceano Índico. Estas inundaram e devastaram precisamente a Mesopotâmia e toda a região em que habitaram os antepassados do povo hebreu. **Embora esse dilúvio se tenha estendido por uma superfície muito grande, é atualmente ponto averiguado que ele foi apenas local;** que não pode ter sido causado pela chuva, pois, por muito copiosa que esta fosse e ainda que se prolongasse por quarenta dias, **o cálculo prova que a quantidade d'água caída das nuvens não podia bastar para cobrir toda a terra, até acima das mais altas montanhas.**

**Para os homens de então, que não conheciam mais do que uma extensão muito limitada da superfície do globo e que nenhuma ideia tinham da sua configuração, desde que a inundação invadiu os países conhecidos, invadida fora, para eles, a Terra inteira.** Se a essa crença aditarmos a forma imaginosa e hiperbólica da descrição, forma peculiar ao estilo oriental, já não nos surpreenderá o exagero da narração bíblica.

**5.** O dilúvio asiático foi evidentemente posterior ao aparecimento do homem na Terra, visto que a lembrança dele se conservou pela tradição em todos os povos daquela parte do mundo, os quais o consagraram em suas teogonias. (1)

É igualmente posterior ao grande dilúvio universal que assinalou o início do atual período geológico. Quando se fala de homens e de animais antediluvianos, a referência é àquele primeiro cataclismo.

---

(1) **A lenda indiana sobre o dilúvio** refere, segundo o livro dos Vedas, que Brama, transformado em peixe, se dirigiu ao piedoso monarca Vaivaswata e lhe disse: “Chegou o momento da dissolução do Universo; em breve estará destruído tudo o que existe na Terra. Tens que construir um navio em que embarcarás, depois de teres embarcado sementes de todos os vegetais. Esperar-me-ás nesse navio e eu virei ter contigo, trazendo à cabeça um chifre pelo qual me reconhecerás.” O santo obedeceu; construiu um navio, embarcou nele e o atou por um cabo muito forte ao chifre do peixe. O navio foi rebocado durante muitos anos com extrema rapidez, por entre as trevas de uma tremenda tempestade, abordando, afinal, ao cume do monte Himawata (Himalaia). Brama ordenou em seguida a Vaivaswata que criasse todos os seres e com eles povoasse a Terra.

**É flagrante a analogia desta lenda com a narrativa bíblica de Noé.** Da Índia ela passara ao Egito, como uma multidão de outras crenças. **Ora, sendo o livro dos Vedas anteriores ao de Moisés, a narração que naquele se encontra, do dilúvio, não pode ser uma cópia da deste último.** O que é provável é que Moisés, que aprendera as doutrinas dos sacerdotes egípcios, haja tomado a estes a sua descrição. <sup>(45)</sup>

Portanto, Allan Kardec admite como uma boa possibilidade o dilúvio bíblico; porém, como um acontecimento local e não universal, ou seja, na Terra inteira. Entretanto, o que coloca o dilúvio

bíblico sob suspeita é que há na cultura indiana, mais antiga que a dos hebreus, relato de fenômeno idêntico, o que, forçosamente, nos leva a crer que o autor bíblico tomou a história para seu povo.

Mais à frente, no capítulo XI - Gênese espiritual, questionando sobre a possibilidade de toda a população da Terra ter vindo do casal "Adão e Eva", Allan Kardec tece a seguinte consideração:

**42.** Ainda mais evidente se torna a impossibilidade, desde que se admita, com a Gênese, que **o dilúvio destruiu todo o gênero humano, com exceção de Noé e de sua família, que não era numerosa, no ano de 1656 do mundo**, ou seja, 2.348 anos antes da era cristã. Em realidade, pois, daquele patriarca é que dataria o povoamento da Terra. Ora, **quando os hebreus se estabeleceram no Egito, 612 anos após o dilúvio, já o Egito era um poderoso império, que teria sido povoado, sem falar de outros países, em menos de seis séculos, só pelos descendentes de Noé, o que não é admissível.**

Notemos, de passagem, que os egípcios acolheram os hebreus como estrangeiros. Seria de espantar que houvessem perdido a lembrança de uma tão próxima comunidade de origem, quando conservaram religiosamente os monumentos de sua história. <sup>(46)</sup>

Aqui, mais uma vez, temos Allan Kardec traçando uma argumentação lógica para confirmar a impossibilidade do gênero humano ter vindo de Adão e Eva e, por tabela, atinge também os decentes de Noé como os que, levando-se em conta o texto bíblico, seriam os que povoaram a Terra, supondo-se um dilúvio universal.

O jornalista José Herculano Pires (1914-1979), na obra **Visão Espírita da Bíblia**,(1989), no capítulo “Dilúvio: catástrofe parcial adaptada a uma antiga lenda”, tece os seguintes comentários:

A lenda do dilúvio, que encontramos em Gênesis: VII e VIII, é uma dessas **passagens bíblicas que só podem ser tomadas ao pé da letra pelo fanatismo e a ignorância**. Pouco importa que durante séculos as religiões cristãs, com seus doutores e sacerdotes, tenham sustentado a realidade literal dessa lenda. **A verdade histórica é apenas esta: a lenda do dilúvio corresponde a um dos arquétipos mentais atualmente estudados pela psicologia profunda**. Os estudos de Karl Jung a respeito são bastante esclarecedores. Mas o arquétipo coletivo, que corresponde no plano social aos complexos psicanalíticos do plano individual, não é uma abstração. Pelo contrário, é uma realidade psíquica enraizada nos fatos concretos. **O dilúvio bíblico,**

**por isso mesmo, tem duas faces:** uma é a realidade histórica, a ocorrência real da catástrofe; outra é a interpretação alegórica, enraizada no arquétipo coletivo e que o texto sagrado nos oferece.

*O Livro dos Espíritos* explica o problema do dilúvio através dessas duas faces, a real e a lendária. É o que vemos nos seu item 59, nas “Considerações e Concordâncias Bíblicas referentes à Criação”, que se podem resumir nestas palavras: “O dilúvio de Noé foi uma catástrofe parcial, que se tomou pelo cataclismo geológico”. Aliás, essa afirmação de Kardec foi posteriormente confirmada pelas investigações científicas. **O arqueólogo inglês sir Charles Leonardo Woolley descobriu ao norte de Basora, próximo ao Golfo Pérsico, ao dirigir escavações para a descoberta dos restos da cidade de Ur, as camadas de lama do dilúvio mencionado na Bíblia.** Pesquisas posteriores completaram a descoberta. O dilúvio parcial do delta dos rios Tigre e Eufrates é hoje uma realidade atestada pela Ciência. Foi esse dilúvio, ou seja, essa inundação parcial, que serviu de motivo histórico para a lenda bíblica.

Como acentua Kardec, nada perdeu com isso a Bíblia, nem a Religião. Mas ambas são diminuídas quando **o fanatismo insiste em defender um absurdo, quando teima em dizer que Deus afogou o mundo nas águas de uma chuva de quarenta dias e fez Noé salvar-se, com a própria família e as privilegiadas famílias dos animais de cada espécie existente, para que a**

vida pudesse continuar na Terra. Sustentar como realidade histórica a figuração ingênua de uma lenda, conferindo-lhe ainda autoridade divina, é ridicularizar o sentimento religioso e minar as bases da concepção espiritual do mundo. Foi esse processo infeliz de ridicularização que levou o nosso tempo ao materialismo e à descrença que hoje o dominam.

Que diriam os fanáticos da “palavra de Deus” ao saberem que **o dilúvio bíblico tem por antecessores o dilúvio babilônico de Gilgamesch, historicamente chamado de “o Noé babilônico”, e o dilúvio grego de Deucalião?** O Espiritismo esclarece esse problema, mostrando que o “arquétipo coletivo” de dilúvio é responsável pelo seu aparecimento em diversos capítulos da História das Religiões, e até mesmo na pré-história, entre os povos selvagens. É esse um dos pontos mais curiosos da psicologia das Religiões. <sup>(47)</sup>

Palavras duras é verdade, mas são necessárias para despertar as pessoas de forma a terem como impossível Deus destruindo a humanidade, uma vez que tem o poder de “eliminar” somente os infratores da lei. Por que motivo as crianças deveriam pagar pelo erro das pessoas adultas? Jamais Deus cometeria uma injustiça dessas. Acordem!

## Conclusão

Seguramente, podemos verificar que existem fatos narrados na Bíblia que fogem ao censo lógico e científico. Não deixando de citar as adulterações efetuadas, como no caso do arco-íris, que não consta da Bíblia editada pela Editora Ave-Maria, sabe-se lá porque motivos.

Portanto, podemos aceitar que a história de Noé, como relatada no texto Bíblico, é, sem qualquer dúvida, fantasiosa. Entretanto, como a questão do dilúvio parece constar da cultura de outros povos, poderemos até aceitá-lo; mas somente se ele tiver sido algo localizado e não sobre a Terra inteira.

Já tínhamos dado por terminado essa pesquisa, mas encontramos fatos novos que merecem ser incluídos, pois, ao consultar a palavra dilúvio no ***Dicionário Bíblico Universal***, vimos confirmar muito do que já dissemos; vejamos:

### Os “dilúvios” extrabíblicos

As mitologias populares, constatando inundações catastróficas das quais escaparam alguns raros preferidos dos deuses, são inúmeras. A literatura babilônica, que oferece um conjunto de textos referindo-se a um “dilúvio” ao qual teria escapado uma família, graças a uma “arca”, é apenas um exemplo.

Este poema é chamado “epopeia de Gilgamesh”: uma versão suméria e duas recensões acádicas chegaram até nós. **As semelhanças entre as aventuras de Gilgamesh e as de Noé são impressionantes: a decisão de destruir a humanidade, o aviso feito a um homem para construir uma barca e embarcar nela animais, soltar aves quando as águas abaixassem, oferecer um sacrifício depois de passada a catástrofe e a bênção divina, tudo é idêntico.**

Mas existem diferenças significativas; segundo o relato bíblico, Javé é um deus único, enquanto que todos os deuses babilônicos se agitam no texto paralelo; e, mais ainda, o dilúvio não se deve à malvez ou à inveja de Javé, mas é um castigo da humanidade pecadora, querido por Deus. <sup>(48)</sup>

É importante ressaltar um trecho dos comentários colocados, neste dicionário, após a explicação sobre o dilúvio; vejamo-lo:

**O texto bíblico do dilúvio é a versão israelita do mito babilônico.** O original foi expurgado do

politeísmo que o impregnava e utilizado por uma fé monoteísta e um sentido bem aperfeiçoado da divindade.

A bênção que o Deus Enlil concedeu a Ut-napishtim foi transposta para uma bênção de Javé a Noé; a promessa de não mais destruir a humanidade também foi conservada. Mas o relato bíblico exprime duas teses que são pontos essenciais da fé javista: a eleição e a aliança. <sup>(49)</sup>

Assim, se confirma, mais uma vez, que os mais sérios estudiosos estão conscientes que o dilúvio não passa de uma versão israelita do mito babilônico, como temos visto desde o início desse estudo.

## Referências bibliográficas

- A Bíblia Anotada, 8ª ed., São Paulo: Mundo Cristão, 1994.
- A Bíblia Tradução Ecumênica – TEB, 1ª ed., São Paulo: Loyola; São Paulo: Paulinas, 1996.
- Bíblia de Jerusalém, nova edição, revista e ampliada, São Paulo: Paulus, 2002.
- Bíblia do Peregrino, ed. brasileira, São Paulo: Paulus, 2002.
- Bíblia Sagrada, 37ª ed., São Paulo: Paulinas, 1980.
- Bíblia Sagrada, 3ª ed., São Paulo: Paulinas, 1977.
- Bíblia Sagrada, 5ª ed., Aparecida (SP): Santuário, 1984.
- Bíblia Sagrada, 68ª ed., São Paulo: Ave-Maria, 1989.
- Bíblia Sagrada, 8ª ed., Petrópolis (RJ): Vozes, 1989.
- Bíblia Sagrada, 9ª ed., São Paulo: Paulinas, 1957.
- Bíblia Sagrada, Ed. Barsa, s/ed. Rio de Janeiro: Catholic Press, 1965.
- Bíblia Sagrada, Ed. Pastoral. 43ª impressão. São Paulo: Paulus, 2001.
- Bíblia Sagrada, Ed. Revista e corrigida, Brasília: SBB, 1969.
- Bíblia Sagrada, s/ed. São Paulo: SBTB, 1994.
- Bíblia Shedd, 2ª Ed. rev. e atual. no Brasil. São Paulo: Vida Nova; Brasília: SBB, 2005.

- Escrituras Sagradas, Tradução do Novo Mundo das.  
Cesário Lange (SP): STVBT, 1986.
- TORÁ – A Lei de Moisés. São Paulo: Sêfer, 2001.
- CHAMPLIN, R. N. e BENTES, J. M. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e filosofia. Vol. 2.* São Paulo: Candeia, 1995b.
- FERRONI, M. *O que a Bíblia não conta.* In: *Revista Galileu* nº 115. São Paulo: Editora Globo, fevereiro/2001.
- JOSEFO, F. *História dos Hebreus.* Rio de Janeiro: CPAD, 2003.
- KARDEC, A. *A Gênese.* Rio de Janeiro: FEB, 2007b.
- KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos.* Brasília: FEB, 2013.
- MONLOUBOU, L. e DU BUIT, F. M. *Dicionário Bíblico Universal.* Petrópolis (RJ): Vozes; Aparecida (SP): Santuário, 1996.
- PIRES, J. H. *Visão Espírita da Bíblia.* São Bernardo do Campo (SP): Correio Fraternal, 1989.
- RAGACHE, C.-C. *A Criação do Mundo: Mitos e Lendas.* São Paulo: Editora Ática, 1996.
- RIOS, R. *A História de Gilgamesh, rei de Uruk.* São Paulo: Edições SM, 2007.
- TRICCA, M. H. O. *Apócrifos III – Os proscritos da Bíblia.* São Paulo: Mercuryo, 1996.
- VAN LOON, H. W. *A História da Bíblia.* São Paulo: Cultrix, São Paulo, 1981.

### **Internet:**

BLAKEMORE, E. *A razão pela qual a Arca de Noé nunca será encontrada*, disponível em:

[https://www.nationalgeographic.pt/historia/a-razao-pela-qual-a-arca-noe-nunca-sera-encontrada\\_3453](https://www.nationalgeographic.pt/historia/a-razao-pela-qual-a-arca-noe-nunca-sera-encontrada_3453).

Acesso em: 26 nov. 2023.

BRASIL ESCOLA, *Monte Everest*, disponível em:

<https://brasilecola.uol.com.br/geografia/monte-everest.htm>. Acesso em: 26 nov. 2023.

SARFATI, J. *O Dilúvio de Noé e o Épico de Gilgamesh*.

Disponível em <https://dokumen.site/download/epopeia-de-gilgamesh-ne-diluvio-de-noe-a5b39ef997a139>.

Acesso em: 10 jul. 2022.

UFSM, *Como varia a pressão atmosférica com a altitude?*, disponível em:

<https://www.ufsm.br/cursos/graduacao/santa-maria/fisica/2020/02/21/como-varia-a-pressao-atmosferica-com-a-altitude>. Acesso em: 26 nov. 2023.

WIKIPÉDIA, *Ararate*, disponível em:

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Ararate#cite\\_note-5](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ararate#cite_note-5).

Acesso em: 23 nov. 2023.

WIKIPÉDIA, *Arco-íris*, disponível em:

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Arco-%C3%Adris>. Acesso em: 22 out. 2010.

## **Imagens:**

A ARCA DE NOÉ (imagem), disponível em:

<https://i.pinimg.com/564x/e8/98/b1/e898b1342cc8314de98aff045f2e7536.jpg>. Acesso em: 09 jul. 2022.

A ARCA DE NOÉ NO TOPO DO MONTE (imagem), disponível em: <http://1.bp.blogspot.com/-iT2kpSjnvW4/VK1d8sKeYLI/AAAAAAAAACEA/AU0N8AfQbQM/s1600/arca.jpg>. Acesso em: 23 nov. 2023.

ASSEMBLEIANOS DE VALOR (Facebook), disponível em: <https://www.facebook.com/Assembleianosdevalor/post/s/pfbid02JGS5UAzcm24XkfeVvk2J8RRSwpYXr71Y7Buxt2z8bURAErK8rMUcsWUdjGj3qunYl>. Acesso em: 09 jul. 2022.

BRASIL ESCOLA, *Mapa localização Monte Everest*, disponível em: <https://s3.static.brasilecola.uol.com.br/be/2023/04/mapa-everest.jpg>. Acesso em: 23 nov. 2023.

MONTE ARARAT:  
<http://www.leirianet.pt/~fotos03/ararat.jpg> Acesso em: 10 jul. 2022.

SARFATI, J. *O Dilúvio de Noé e o Épico de Gilgamesch*, imagem “Tradições Diluvianas”, disponível em: <https://dokumen.site/download/epopeia-de-gilgamesh-ne-diluvio-de-noe-a5b39ef997a139>, Acesso em: 10 jul. 2022.

## Dados biográficos do autor



Paulo da Silva Neto Sobrinho é natural de Guanhães, MG. Formado em Ciências Contábeis e Administração de Empresas pela Universidade Católica (PUC-MG). Aposentou-se como Fiscal de Tributos pela Secretaria de Estado da Fazenda de Minas Gerais. Ingressou no movimento Espírita em Julho/87.

Escreveu vários artigos que foram publicados em seu site [www.paulosnetos.net](http://www.paulosnetos.net) e alguns outros sites Espíritas na Web.

Livros publicados por Editoras:

**a) impressos:** 1) *A Bíblia à Moda da Casa*; 2) *Alma dos Animais: Estágio Anterior da Alma Humana?*; 3) *Espiritismo, Princípios, Práticas e Provas*; 4) *Os Espíritos Comunicam-se na Igreja Católica*; 5) *As Colônias Espirituais e a Codificação*; 6) *Kardec & Chico: 2 missionários. Vol. I*; e 7) *Espiritismo e Aborto*.

**b) digitais:** 1) *Kardec & Chico: 2 missionários. Vol. II*, 2) *Kardec & Chico: 2 missionários. Vol. III*; 3) *Racismo em Kardec?*; 4) *Espírito de Verdade, quem seria ele?*; 5) *A Reencarnação tá na Bíblia*; 6) *Manifestações de Espírito de pessoa viva (em que condições elas acontecem)*; 7) *Homossexualidade, Kardec já falava sobre isso*; 8) *Chico Xavier: uma alma feminina*; 9) *Os nomes dos títulos dos*

*Evangelhos designam seus autores?; 10) Apocalipse: autoria, advento e a identificação da besta; 11) Chico Xavier e Francisco de Assis seriam o mesmo Espírito?; 12) A mulher na Bíblia; 13) Todos nós somos médiuns?; 14) Os seres do invisível e as provas ainda recusadas pelos cientistas; 15) O Perispírito e as polêmicas a seu respeito; 16) Allan Kardec e a lógica da reencarnação; 17) O fim dos tempos está próximo?; 18) Obsessão, processo de cura de casos graves; 19) Umbral, há base doutrinária para sustentá-lo?; 20) A aura e os chakras no Espiritismo; 21) Os Quatro Evangelhos, obra publicada por Roustaing, seria a revelação da revelação?; 22) Espiritismo: Religião sem dúvida; 23) Allan Kardec e suas reencarnações; 24) Médiuns são somente os que sentem a influência dos Espíritos?; 25) EQM: prova da sobrevivência da alma; 26) A perturbação durante a vida intrauterina; 27) Os animais: percepções, manifestações e evolução; e 28) Reencarnação e as pesquisas científicas.*

Belo Horizonte, MG.

e-mail: paulosnetos@gmail.com

- 1 Nota da Transcrição (N.T.): “Em tempos mais remotos alguns pensavam que *os filhos de Deus* em Gênesis 6.2 eram anjos caídos, mas nenhum comentador, moderno de confiança exceto o dr. Bullinger. É claro que havia nesse tempo duas raças distintas: a descendência de Sete e a de Caim. Os expositores modernos concordam que *os filhos de Deus* foram a descendência de Sete, e *os filhos dos homens* a descendência de Caim”. (A Bíblia Explicada, S.E. McNair, p. 22, CPAD).
- 2 JOSEFO, *História dos Hebreus*, p. 50-51.
- 3 Bíblia de Jerusalém, p. 42.
- 4 Bíblia Sagrada Paulinas, 1980, p. 31.
- 5 JOSEFO, *História dos Hebreus*, p. 51.
- 6 Bíblia Santuário, p. 12.
- 7 VAN LOON, *A História da Bíblia*, p. 8.
- 8 Bíblia Shedd, p. 9.
- 9 ASSEMBLEIANOS DE VALOR (Facebook), disponível em: <https://www.facebook.com/Assembleianosdevalor/posts/pfbid02JGS5UAzcm24XkfeVvk2J8RRSwpYXr71Y7Buxt2z8bURAErK8rMUcsWUdjGj3qunYl>
- 10 Noé e a Arca (imagem), disponível em: <https://i.pinimg.com/564x/e8/98/b1/e898b1342cc8314de98aff045f2e7536.jpg>
- 11 Bíblia Sagrada Vozes, p. 35.
- 12 Bíblia Sagrada Santuário, p. 13.
- 13 Bíblia Sagrada Vozes, p. 28.
- 14 TRICA, *Apócrifos III - Os Proscritos da Bíblia*, p. 155.
- 15 UFSM, *Como varia a pressão atmosférica com a altitude?*, disponível em: [os/graduacao/santa-maria/fisica/2020/02/21/como-varia-a-pressao-atmosferica-com-a-altitude](https://os/graduacao/santa-maria/fisica/2020/02/21/como-varia-a-pressao-atmosferica-com-a-altitude)

- 16 BRASIL ESCOLA, *Mapa localização Monte Everest*, disponível em:  
<https://s3.static.brasilecola.uol.com.br/be/2023/04/mapa-everest.jpg>
- 17 BRASIL ESCOLA, *Monte Everest*, disponível em:  
<https://brasilecola.uol.com.br/geografia/monte-everest.htm>
- 18 CHAMPLIN e BENTES, *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e filosofia. Vol. 2*, p. 158.
- 19 Bíblia Vozes, p. 35.
- 20 Bíblia Shedd, p. 10.
- 21 Bíblia Santuário, p. 13.
- 22 N.T.: Detailed topographic maps of Mount Ararat [ligação inativa].
- 23 WIKIPÉDIA, *Ararate*, disponível em:  
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Ararate#cite\\_note-5](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ararate#cite_note-5)
- 24 Jodi Magness, exploradora da *National Geographic* e arqueóloga da universidade da Carolina do Norte, em Chappel Hill.
- 25 BLAKEMORE, *A razão pela qual a Arca de Noé nunca será encontrada*, disponível em:  
[https://www.nationalgeographic.pt/historia/a-razao-pela-qual-a-arca-noe-nunca-sera-encontrada\\_3453](https://www.nationalgeographic.pt/historia/a-razao-pela-qual-a-arca-noe-nunca-sera-encontrada_3453)
- 26 *Torá - A Lei de Moisés*, p. 20.
- 27 WIKIPÉDIA, *Arco-íris*, disponível em:  
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Arco-%C3%Adris>.
- 28 N.T.: *Eliade, M. Tratado da História das Religiões*, Caps. 12 e 13.
- 29 N.T.: Gênesis, 6 a 10 (*Melamed*)
- 30 N.T.: *Keller, W. E a Bíblia Tinha Razão*, p. 44
- 31 N.T.: *Hinnells, J. Dicionário das Religiões*, p. 163.
- 32 N.T.: *Ling, T. História das Religiões*, 1.15.

- 33 N.T.: *Durant, W. Nossa Herança Oriental*, p. 162.
- 34 N.T.: *Johnson, P. História dos Judeus*, p. 21.
- 35 N.T.: *Unterman, A. Dicionário Judaico de Lendas e Tradições*, p. 96.
- 36 MARQUES, *História das Religiões e a Dialética do Sagrado*, p. 101-103.
- 37 N.T.: Ser enviado pelos deuses para desencadear o dilúvio. (N. da A.)
- 38 RIOS, *A História de Gilgamesh, Rei de Uruk*, p. 28-32.
- 39 SARFATI, *O Dilúvio de Noé e o Épico de Gilgamesch*, imagem “Tradições diluvianas”, disponível em:  
<https://dokumen.site/download/epopeia-de-gilgamesh-ne-diluvio-de-noe-a5b39ef997a139>
- 40 RAGACHE, *A Criação do Mundo: Mitos e Lendas*, p. 18.
- 41 RAGACHE, *A Criação do Mundo: Mitos e Lendas*, p. 37.
- 42 FERRONI, *O que a Bíblia não conta*. in.: *Revista Galileu* nº 115, p. 55-61.
- 43 N.T.: N.E.: Refere-se ao calendário judeu.
- 44 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 72-74.
- 45 KARDEC, *A Gênese*, p. 206-207.
- 46 KARDEC, *A Gênese*, p. 261.
- 47 PIRES, *Visão Espírita da Bíblia*, p. 59-60.
- 48 MONLOUBOU e DU BUIT, *Dicionário Bíblico Universal*, p. 197.
- 49 MONLOUBOU e DU BUIT, *Dicionário Bíblico Universal*, p. 197.